A Contribuição do pensamento de Maquiavel para o desenvolvimento da Ciência Política

Caroline Rodrigues Miranda[1]
Fernanda Schmokel[2]
Ronaldo Bernadino Colvero[3]

Resumo

Um dos pressupostos fundamentais para o desenvolvimento da Ciência Política como disciplina autônoma nos dias atuais encontra-se relacionado à originalidade do pensamento político de Maquiavel, em uma de suas principais obras, *O Príncipe* (1513). Nessa obra, é notável a ruptura que Maquiavel provoca em relação ao período da Idade Média, rompendo barreiras tipicamente religiosas e éticas ao construir todo seu pensamento politico. O objetivo do presente trabalho é realizar um balanço entre o filósofo florentino Maquiavel, e como o seu pensamento destemido para sua época influenciou contribuindo de alguma forma ao desenvolvimento da Ciência Política enquanto Ciência autônoma. Para isso, faz-se necessário retroceder ao Renascimento, período histórico que, basicamente, reflete a transição do feudalismo para o capitalismo. É a partir desse momento em meio a uma Itália instável politicamente é que Maquiavel passa a discorrer sobre a necessidade da política se desvincular de preceitos até então

[1] Apresentadora, bolsista de Iniciação Científica – FAPERGS 2013/2014. Acadêmica do curso de Ciências Sociais - Ciência Política pela Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. carolinerodriguesmiranda@gmail.com
[2] Coautora, bolsista de Iniciação científica – CNPQ 2013/2014. Acadêmica do curso de Ciências Sociais - Ciência Política pela Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, campus São Borja, fernanda.schmokel@gmail.com
[3] Orientador, doutor em História pela PUCRS. Prof.º Adjunto da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA - Campus São Borja no curso de Ciências Sociais - Ciência Política. Professor do programa de pós graduação em Memória Social e Patrimônio da Universidade Federal de Pelotas. rbcolvero@gmail.com

defendido por grandes pensadores da Antiguidade e de Idade Média. A metodologia aplicada é a qualitativa, utilizando bibliográficas que contemplam o tema para que possamos aprofundar nossos estudos. Nesse sentido, espera-se haver uma maior compreensão no que diz respeito a essa intersecção entre as análises do pensamento de Maquiavel e como este veio a influenciar na formação de uma ciência voltada ao estudo da política.

Palavras-chave: Maquiavel, Renascimento, Política.

Renascimento – Contexto histórico.

Em meados de uma Itália fragmentada[4] por motivos de disputas politicas visando à obtenção de territórios e poder, surge o historiador e filósofo, Nicolau Maquiavel (1469- 1527)**,** um homem de vida pública pelo qual trabalhava para o governo de Florença, sua cidade natal, e, por conta disso, acabou por vivenciar de perto os conflitos que rondavam a Europa da época por meio de suas missões diplomáticas[5], acabando por desempenhar seu potencial para as analises das ações politicas.

Para compreendermos o pensamento político de Maquiavel, é necessário retornarmos ao contexto social e histórico de sua época, que tem como plano de fundo o Renascimento que, segundo Guanabara (2011, p. 29):

> traz em seu bojo a redescoberta dos valores da Antiguidade, sobretudo os greco-romanos. E traz a valorização da autonomia do homem, responsável

[4] Não havia um País unificado, o que existia eram divisões territoriais em cidades-estados independentes entre si, com a maioria destes baseados em um governo republicano. Entretanto, todas essas divisões sofriam com os ataques de algumas das maiores potências da Europa na época. (Ver mais em Fernandes, 2010, p. 14)

[5] Maquiavel foi convidado a ingressar ao governo de Florença, trabalhando a serviço do Estado na chancelaria de sua cidade, com isso, era obrigado a cumprir missões externas cada vez mais importantes para sua formação política (Ver mais em Grazia, 1993, p.26)

> novamente por uma atitude criadora diante do mundo. Com efeito, substitui-se o teocentrismo pelo **antropocentrismo**. Tal fato terá um peso fundamental nos escritos de Maquiavel, uma vez que o homem politico descrito em *O Príncipe* não teme inovar, agir livremente sem medo de castigos e punições divinas. [...] O homem renascentista pressupõe uma ruptura com o modelo medieval, submisso à ordem teológica, para colocar em seu lugar uma atitude autoafirmativa, com foco no mundo terreno e "nesta vida" (Grifo nosso).

Nesse sentido, o Renascimento proporcionou o surgimento de uma nova visão de mundo, que revolucionou a Europa pós-medieval. O homem passou a ser visto não mais como um ser místico, mas por toda sua concretude, os valores da antiga sociedade medieval passaram de ser considerados através de uma vida contemplativa, para que houvesse uma exaltação de uma vida cívica e ativa politicamente.

> As causas de toda essa transformação, ou melhor, as causas do próprio renascimento podem ser encontradas nas novas condições socioeconómicas criadas na Europa. [...] a concentração de pessoas nos burgos, a alteração das relações comerciais e, consequentemente, o estabelecimento de novas relações econômicas, decorrentes da formação de uma nova classe social, a burguesia, serão responsáveis pelo surgimento desse novo homem, dessa noção de individualidade até então desconhecida. (CORTINA, 1995, p. 91)

Assim, podemos perceber a transição daquele antigo modelo feudal para a chegada de um novo sistema econômico, o capitalismo, que influenciou diretamente no Renascimento, afetando o pensamento de um novo homem desconectado com as tradições da Idade Média, que nesse período se abstinha de um discurso de ordem, tempo e espaço voltado ao celeste, sendo a humanidade representada pela figura de "Deus", que vivia sufocada por viver o presente, preso a um futuro incerto, negados ou não pela colocação de um outro mundo. Enquanto que no Renascimento o discurso passou a ser individualizado, passando a viver apenas no tempo e espaço pelo qual se encontrava inserido. Essa manifestação de sujeito, tempo e espaço é facilmente encontrada nas obras de Maquiavel.

Com desenvolvimento das navegações marítimas, as descobertas de novos caminhos possibilitando a ampliação das transações comerciais e de cambio com outros povos descobrindo novas culturas até então desconhecidas[6] atreladas a um novo homem em formação, há na Itália do século XVI uma busca incessante pela centralização do poder resultante da formação das Monarquias Nacionais, pela qual encontrava-se em um momento singular perante toda a sua história[7], principalmente Florença, que sofria investidas do Império Francês, do Papado e da Igreja em busca de dominação territorial nessa cidade e em outras, onde já havia um governo republicano, o que resultou uma maior participação popular dos cidadãos em relação aos negócios da cidade, pelos quais ansiavam por liberdade de autogoverno e liberdade republicana (Fernandes, 2010, p.61). Isso mostrou aos italianos a necessidade de se encontrar uma ideologia para que pudessem se apoiar para sustentar a ideia de uma república no governo e a preservação de suas respectivas virtudes públicas.

> No século XVI, a defesa da liberdade política e da República permanece central nas análises dos pensadores políticos florentinos. E um dos principais representantes do pensamento florentino, Nicolau Maquiavel propõe-se a analisar e responder problemas de seu tempo. (Fernandes, 2010, 61)

Maquiavel e outros pensadores Renascentistas acreditavam no poder de luta pela liberdade, e que essa não deveria parar em meio de tantas ameaças externas aos problemas que emergiam na Itália, mas principalmente, que todas as pessoas pudessem ter a escolha e a vontade de participar do poder das tomadas de decisões visando o bem da coletividade no universo político italiano. Porque somente assim, caminhando rumo a uma comunidade política, é que seria garantida a participação de todos os cidadãos e,

[6] Ver mais em Cortina, 1995, p.91

[7] Durante esse período, a Itália foi considerada o berço de uma nova sociedade em ascensão, pois foi um dos primeiros países a se desmembrar das tradições feudais e a adaptar-se ao sistema capitalista. Era o iniciou de uma sociedade moderna. (Ver mais em Fernandes, 2010, p. 76)

consequentemente, a liberdade política, junto a instituições fortes para o fortalecimento de uma cidadania unificada. A experiência italiana da época proporcionou um terreno favorável ao estudo da política. Por essa direção, e principalmente no sentido de evitar os ataques à Itália, Maquiavel é inspirado ao escrever uma de suas maiores obras, *O Príncipe*, modificando o entendimento que se tinha sobre política até então.

A vida de Maquiavel passou por fases bem distintas, durante sua infância e adolescência sua formação foi sólida e humanística, quando adulto, em sua carreira profissional, curta, porém intensa, foi capaz de vivenciar a política em tempos de renascimento e capaz de adquirir um vasto material sobre a prática dessa política[8], distribuindo esse conhecimento em diversas obras de sua autoria, sobretudo, "O Príncipe", o mais famoso de seus trabalhos, e o que temos como referencia principal nesse presente artigo.

Maquiavel nasceu e passou a maior parte de sua vida em uma Florença renascentista, estando sempre ligado à conturbada politica italiana, fazia parte de uma família nobre, entretanto, nem rica e nem pobre. Recebeu uma educação clássica, uma vez que seu pai, Bernardo, era formado em Direito, por essa razão, sua formação sempre foi voltada a carreira pública.

> Nasceu em 3 de maio de 1469, mesmo ano em que Lourenço, o Magnífico, membro da família Médici, ascendeu ao poder em Florença. Aos 25 anos, em 1469, testemunhou a expulsão dos Médici e a proclamação da República Florentina, movimentos liderados pelo monge Savonarola. Por essa época, iniciou sua trajetória como funcionário publico, ocupando um cargo pouco expressivo na Chancelaria de Florença. Somente quatro anos mais tarde, com a deposição de Savonarola e a renovação dos quadros do funcionalismo florentino, Maquiavel conseguiu um cargo de destaque na República, sendo

[8] Para uma melhor compreensão sobre a vida de Maquiavel, há excelentes fontes como: Grazia, 1993; Pinzani, 2004; Skinner, 1988

> nomeado segundo-secretário da Chancelaria do Governo de Florença. Seguiam-se 15 anos de atividades públicas, durante os quais o florentino foi designado para 20 missões diplomáticas, dentro e fora da Península Itálica. Nesse período, sua reputação cresceu, tornando-o homem público merecedor de grande respeito na República. [...] Em seguida, Soderini foi exilado e os Médici retornaram ao poder. Maquiavel, visto como político intimamente ligado à República, foi destituído de seu cargo, proibido de deixar o território florentino por um ano e de entrar em qualquer prédio público. A situação se agravou em 1513, quando ele foi acusado de ter participado de um complô fracassado contra os Médici. Maquiavel foi então preso, torturado e condenado a pagar uma grande multa. (BARROS, 2008, p. 97)

Foi nesse tempo, de afastamento ao governo e de sua vida pública é que Maquiavel pode desenvolver suas maiores obras, como *O Príncipe* e os *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio* [9], na esperança de retornar a vida pública, chegando a dedicar a primeira obra aqui citada, a Lorenzo de Médici, com uma exortação: "tomar a Itália e libertá-la das mãos dos bárbaros" (Pinzani, 2004, p. 58)

Sua mais importante obra, "O Príncipe", não cumpriu seu objetivo inicial de reconduzir Maquiavel as contudas do Estado, entretanto, se tornou uma obra clássica por sua característica de ensinar a conquistar e manter Estados, e adentrou o pensador florentino na estante dos pensadores políticos mais famosos e influentes de todos os tempos.[10]

Maquiavel e a originalidade do pensamento político – Na contramão da cultura dominante

É designada uma tarefa árdua a falar de Maquiavel sem tocar na questão da originalidade. A primeira razão vem da sua preocupação em construir uma resposta à

[9] Nesta obra, Maquiavel faz uma análise sobre a história de Roma, que procura estabelecer os motivos do sucesso da república romana (Ver mais em BARROS, 2008, p. 100)
[10] Ver mais em Guanabara, 2011, p. 30

instabilidade política que marcava a Itália de seu tempo. Não é sem motivo, que *O Príncipe* surge com a intenção de ensinar ao governante vigente a não só conquistar, mas a manter Estados, tornando-os assim, estáveis.

A segunda questão, podemos encontrar na desvinculação da abordagem filosófica das obras políticas tradicionais, que tinham como fundamento um raciocínio divino e especulativo. Maquiavel parte da realidade política para tentar buscar certa efetividade na ação dos homens, desprendendo-se da moral, da ética e da religião.

> Não surpreende, portanto, que o autor acabaria execrado pela Igreja e marcado como sinônimo do ardil, do sórdido e da esperteza. Não há limites éticos nem morais na busca da conquista e manutenção dos Estados. Não há pensar em termos como "bondade" e "justiça", em um mundo marcado pelas maldades, traições e instabilidade. Se o que busca é a estabilidade, não se pode adotar a politica das boas ações e da moralidade. Ao estabelecer um novo modelo de pensamento, Maquiavel inaugura a era do realismo político, desprovido dos mandamentos religiosos e voltado fortemente para os resultados das ações humanas. (GUANABARA, 2011, p.30)

Mas é válido lembrar que Maquiavel nunca ignorou totalmente os pensadores da Antiguidade clássica, o autor sempre procurou dialogar constantemente com estes, aproveitando-se de conceitos já existentes naquela época, como por exemplo, o de *virtú* e *fortuna.* Conceitos chaves para o entendimento de *O Príncipe*.

Virtú e Fortuna

O sentido essencial do conceito de *Virtú*, é basicamente sobre quais são as qualidades que um governante deve ter se quiser conquistar e manter um Estado. Entretanto, Maquiavel irá substituir as qualidades até então tidas como necessárias para

um Príncipe, concordando com a ideia de que a *virtú* é indispensável a qualquer Príncipe, sem ela, não se governa.[11]

Nesse sentido, Maquiavel discorre sobre essa *virtú* tradicional, nos dizendo que, dar segmento a esta, seria o mesmo que condenar o Príncipe à ruina, segundo suas próprias palavras:

> Resta agora ver como deve se comportar um príncipe em relação a seus súditos ou seus amigos. Como sei que muitos já escreveram sobre esse assunto, temo que escrevendo eu também, seja considerado presunçoso, sobretudo porque, ao discutir essa matéria, me afastarei das linhas traçadas pelos outros. Porém, sendo meu intento escrever alto útil para quem me ler, parece-me mais conveniente procurar a verdade efetiva das coisas do que o que se imaginou sobre elas. Muitos imaginaram repúblicas e principados que jamais foram vistos e que nem se soube se existiram de verdade, porque há tamanha distancia entre como se vive e como deveria viver, que aquele trocar o que se faz por aquilo que se deveria fazer aprende antes a arruinar-se que a preserva-se; pois um homem que queira fazer em todas as coisas profissão de bondade deve arruinar-se entre tantos que não são bons. Daí ser necessário a um príncipe, se quiser manter-se, aprender a poder não ser bom e a valer-se ou não disto segundo a necessidade. (Maquiavel, 2007, p.73)

Maquiavel demostra, portanto, essa cisão em relação ao pensamento politico dominante. Por um lado, concorda que a virtú é um conjunto de qualidades que um Príncipe precisa ter para ser êxito em seu cargo, por outro, diverge sobre o sentido desses atributos.

É Skinner[12] quem nos diz que "a virtú está relacionada com a capacidade de agir segundo os ditames da necessidade, independentemente de se praticar uma boa ou má ação. A virtú significará, portanto, a flexibilidade moral indispensável a qualquer

[11] Ver mais em Guanabara, 2011, p. 31
[12] Quentin Skinner é um dos maiores estudiosos do pensamento de Maquiavel e do pensamento político clássico

princípe, que deve ter a mente aberta, pronta a se voltar em qualquer direção, conforme exijam os desígnios da fortuna" (Skinner, 1988, p. 65)

Sendo assim, o conceito de virtú consiste na flexibilidade de escolha do governante sobre suas ações, não necessariamente vinculadas as ideias de moralidade, bondade, justiça até questões religiosas.

> [...] O homem deve, portanto, compreender que por vezes será necessário praticar a maldade, a dissimulação, a simulação, a mesquinhez, dentre outras categorias menos nobres de comportamento tão contrárias ao mundo cristão. Mas é assim que fica demonstrada a lógica própria da política, diferente da moralidade e da religião. Trata-se de conquistar e manter Estados e as práticas adequadas a esse intento não residem nos manuais da Antiguidade clássica ou as doutrinas cristãs. (GUANABARA, 2011, p. 33)

Compreendido o conceito sobre virtú, faz-se necessário o entendimento sobre outro conceito fundamental para uma melhor leitura sob os escritos de Maquiavel, o de fortuna. A fortuna, segundo o pensamento de Maquiavel, representa o imprevisível, a sorte, o acaso. Algo que os homens não poderiam prever e que, por isso mesmo, poderia lhes ser fatal caso os pegasse desprevenidos.[13] Esse fenômeno é de extrema importância no que diz respeito a politica, na medida em que pode trazer a glória ao governo de um príncipe sem nenhum esforço, porém, ao mesmo tempo pode colocar a baixo o governante com a força de sua surpresa.

> Em relação à fortuna, outro elemento presente na dominação do Estado e, consequentemente, na formação do governante, deveria, segundo Maquiavel, ter sua possibilidade de atuação reduzida, ou seja, o príncipe deveria estruturar seu Estado em bases sólidas, de modo que não poderia ser abalado por turbulências causadas por fatores imprevistos. Dessa forma, o governante

[13] Ver mais em Ferreira, 2011, p.31-36.

> necessitaria menos da força da fortuna, à medida que tivesse na própria *virtù* a sustentação de seu Estado. (ARNAUT, 2002, p. 101)

Por esse ângulo, podemos perceber o quão essencial é, de acordo com Maquiavel, a virtú para a contenção dos caprichos da fortuna. Àqueles pelos quais conseguem chegar ao poder pelo acaso, estão fadados a ruina, pois não foram dotados de habilidades e sabedoria o suficiente para governar, logo, desprovidos de virtú, o que acarretaria em uma queda politica na primeira crise do acaso, de fortuna, a mesma que lhes deu o poder.

> Da análise de Maquiavel sobre a fortuna devemos reter alguns pontos essenciais. Primeiro, é preciso ter em conta o papel do acaso e do imponderável nos negócios humanos. Eles são capazes de trazer a glória, mas também a ruina. A conjuntura política, como a vida, é essencialmente mutável. Exatamente por isso, é preciso estar atento à mudança dos ventos. Maquiavel atribui essa qualidade ao homem de virtú que é capaz de construir diques para conter as inundações provenientes de mudanças. É preciso, portanto, olhar adiante e precavesse ante a volatilidade dos tempos. Para isso, é necessário astúcia política. (FERNANDES, 2011, p. 35)

Pelo exposto, é notável a percepção de que a estabilidade política estará ao lado daquele governante que detêm em maior quantidade a virtú, e que essa, seguida de fortuna, são elementos indispensáveis para se conseguir governar. Esses dois fenômenos vão, uma hora ou outra, sempre se encontrar.

Natureza humana e história

A ideia de natureza humana possuirá, ao longo da trajetória do pensamento ocidental, estreita ligação com a política (Guanabara, 2011, p. 36). E Maquiavel entende que a natureza humana do homem é a pior possível. Ao analisarmos o conceito de virtú maquiaveliana, conseguimos avistar a recusa do autor à política da “bondade” ou da “generosidade” como condutor intrínseco das ações dos governantes.

> Porque há tamanha distancia entre como se vive e como se deveria viver, que aquele que trocar o que se faz por aquilo que se deveria fazer aprende antes a arruinar-se que a preservar-se; pois um homem que queira fazer em todas coisas profissão de bondade deve arruinar-se entre tantos que não são bons. Daí ser necessário a um príncipe, se quiser manter-se, aprender a poder não ser bom e a valer-se disso segundo a necessidade (Maquiavel, 2007, p.73)

De acordo com o parecer de Maquiavel, os homens não são bons por natureza, e isso acaba por impossibilitar a bondade e a generosidade, por exemplo, como politicas de governo permanentes para uma boa política de Estado. Daí a afirmação de que os homens são "ingratos, volúveis, simuladores, covardes ante os perigos, ávidos de lucro" (Maquiavel, 2007, p.84), faz também a observação de que esses traços são imutáveis e inerentes ao ser humano [14].

> É com essa natureza humana que os governantes terão de lidar, não podendo esquecer jamais a incômoda situação em que estão inseridos, rodeados de homens ávidos por trair. Essa situação levará Maquiavel a defender claramente a ideia de que ao príncipe é melhor ser temido do que ser amado, pois se o temor dos súditos é capaz de desestimular eventuais traições, o mesmo não acontecerá com o amor a eles devotado. Sua espada, portanto, deve estar sempre pronta a ser usada em seu principado para protege-lo em um mundo, em regra, hostil. (FERNANDES, 2011, p.39)

Desta forma, o poder político possui uma ordem profana, isso porque surgiu das profundezas de uma "crueldade", que é inerente à natureza humana[15], logo, os homens tem uma tendência para o mau, e só estarão dispostos a fazer o bem quando lhes for conveniente.

> O que queria dizer Maquiavel, então? A resposta parece estar clara no capítulo XV de O Príncipe. Não há saída para o Príncipe que deseja ser bom, clemente e justo. São adjetivos admiráveis, mas incompatíveis com a realidade da política e das sociedades. Não se trata, portanto, de uma escolha

[14] Ver mais em Weffort, 2006, p. 18-20.
[15] Ver mais em Weffort, 2006, p. 17-19

> dos vícios, simplesmente. Trata-se de pensar sobre os fatores que podem levar o príncipe e o Estado à ruina, bem como os antídotos contra tais ameaças. Maquiavel cede não aos piores defeitos humanos, mas ao realismo e à dinâmica da sobrevivência política. (GUANABARA, 2011, p. 37)

Assim, observamos que Maquiavel faz uma análise profunda da história e entende que o caráter dos homens é imutável, e que essas características são mantidas ao longo do tempo. Por esse ângulo, o autor acaba nos dizendo que a história se repete, se os homens são os mesmos, logo, tendem a reagir da mesma maneira. Portanto, aqui fica claro que a história é cíclica e o ciclo sempre se repete. O que pode variar são os tempos de duração das formas de convívio entre os homens. [16]

Diante dessa informação, convém ao príncipe reter-se ao estudo do passado para melhor agir no presente e no futuro. Assim, é manifestado o poder da história e de seu fornecimento de exemplos e cursos de ação[17], portanto o príncipe deve além de ser virtuoso, deve ser um estudioso da história:

> Quanto aos exercícios da mente, deve o príncipe ler obras históricas e refletir sobre as ações dos homens excelentes, ver como se comportaram nas guerras, examinar as causas das vitórias e derrotas a fim de poder escapar destas e imitar aquelas. Mas, sobretudo, deve agir como antes agiram alguns homens excelentes que se espelharam no exemplos de outros que, antes deles, haviam sido louvados e glorificados e cujos gestos e ações procuraram ter sempre em mente [...] Um príncipe sábio deve observar comportamentos tais e jamais permanecer ocioso nos tempos de paz, mas, com engenho, fazer um cabedal para dele se valer na adversidade, a fim de que, quando mudar a fortuna, esteja sempre pronto a resistir-lhe. (MAQUIAVEL, 2007, p.71-72)

A verdade efetiva das coisas

[16] Ver mais em Weffort, 2006, p. 17-19.
[17] Ver mais em Guanabara, 2011, p. 36-40.

Do ponto de vista de Maquiavel, é a chegada da realidade concreta que se deve alcançar. Por essa razão sua ênfase dada na verdade efetiva das coisas (*verità effettuale*).

Isto é, ver e examinar a realidade tal como ela é e não como se gostaria que ela fosse (Weffort, 2006, p.23). Aqui há uma ruptura com a filosofia anterior[18], que articulava seus argumentos sob o reino do "deve ser", e com a entrada de Maquiavel, a filosofia moderna passa a se preocupar em "como é". Segundo o pensador florentino, se faz "mais conveniente seguir a verdade efetiva das coisas do que a imaginação sobre ela.". Isto posto, podemos colocar como peça chave para a constituição da ação política a noção de verdade efetiva das coisas, que trata de uma indagação radical e de uma nova articulação sobre o pensar e fazer política, que põe fim à ideia de uma ordem natural e eterna.[19]

Conclusão

Para finalizar, é válido ressaltar a marca que Nicolau Maquiavel deixou na história do pensamento político e no desenvolvimento da política enquanto Ciência autônoma. Como uma figura representante do Renascimento, substitui o teocentrismo pelo antropocentrismo, trazendo à tona a valorização do homem, rompendo com o pensamento dos autores da Antiguidade clássica, como Platão, Aristóteles, e autores do pensamento religioso, provenientes da Idade Média, como São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, por exemplo. Contraditoriamente, soube adaptar alguns conceitos[20] já utilizados pela Antiguidade clássica, trazendo-os para o seu tempo de uma nova forma, conforme as necessidades deste.

[18] Filosofia esta representada principalmente na figura de Platão, Aristóteles e Santo Agostinho
[19] Ver mais em Weffort, 2006, p. 13-23
[20] Conceitos como os de Virtú e Fortuna

Esses conceitos dizem respeito aos já mencionados no decorrer do texto: Virtú e Fortuna. Onde o primeiro pode ser considerado como um conjunto de qualidades necessárias a levar um governante ao êxito político, muito embora, essas qualidades estão ligadas a um relativismo político, em que o príncipe deve saber agir em diversas situações, mesmo que para isso, tenha que agir desvinculando-se da bondade ou justiça. Em nome da conquista e/ou manutenção de um determinado Estado o príncipe deve ter em mente que a qualquer momento está sujeito a agir com crueldade, dissimulação ou avareza. Enquanto que no segundo conceito, relacionado ao acaso, o príncipe deve estar sempre preparado para a hora que a fortuna chegar, que pode lhe trazer bons ventos, ou lhe levar a ruina.

Faz-se necessário ao príncipe, o estudo da história, para que possa aprender com o passado, podendo assim, dialogar com suas ações do presente e articular as próximas ações de seu governo no futuro. A história, segundo Maquiavel, é a fonte mais eficaz dos ensinamentos políticos. Essa trás consigo a essência da natureza humana, que nos relata sobre alguns traços negativos que são imutáveis no ser humano, desde tempos mais remotos até os dias mais atuais no tempo do referido autor, sendo assim, a história é um ciclo de repetições ao longo da humanidade, mas é com o aprofundamento desse clico que o governante ampliará suas ações de modo a se tornarem mais seguras e efetivas.

Dessa forma, Maquiavel contribuiu com desenvolvimento da política como uma ciência autônoma, no sentido de que esta, a partir desse momento passou a ter uma ética e uma lógica próprias, como demonstrado acima. Maquiavel ao estudar a política se divorciou de juízos de valor antigos, ligados à ética, a moral e a religião, empregados em larga escala em meados do século XVII. A tarefa do sujeito politico é aqui e é

agora, e não mais uma atividade idealizada, comandada pela verdade efetiva dos fatos, logo, através da lógica do realismo político.

O teórico renascentista pode ser considerado um dos percursores da Ciência Política por ter adentrado em temáticas políticas nunca antes expostas na literatura, teve como embasamento fundamental resolver o problema da Itália fragmentada de seu tempo, por essa razão, teve em vista em seus estudos e em seu escrito principal, a obra *O Príncipe*, a figura do homem público, como esse deveria ser e agir, para conquistar e manter-se no poder, sob essa perspectiva, acabou por refletir sobre o papel do Estado em face ao pensamento político, outro fator significativo que lhe sobressai como um dos vanguardistas do desenvolvimento da ciência politica, porém, o aprofundamento desse aspecto em específico terá que ficar para um outro momento.

Referências Bibliográficas

ARNAUT, Cezar. **Virtú e Fortura no pensamento político de Maquiavel**. Acta Scientiarum, Maringá, v. 24, n. 1, p. 091-102, 2002

BARROS, Alberto Ribeiro G. de. **O Pensamento Político no Final da Idade Média e no Renascimento**. In: MACEDO, Ronaldo Porto. Curso de filosofia política: do nascimento da filosofia a Kant.- São Paulo: Atlas, 2008. Capítulo 9, Pg. 223-260.

CORTINA, Arnaldo. **As condições históricas de produção de O Príncipe de Maquiavel e sua organização discursiva.** Alfa, São Paulo, vol. 39: 87-109, 1995.

DE GRAZIA, Sebastian. **Maquiavel no inferno**. São Paulo: Companha das Letras, 1993.

FERREIRA, L. P – **Curso de ciência politica**: grandes autores do pensamento político moderno e contemporâneo. - 2.ed – Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FERREIRA, Maria Gomes. **Nicolau Maquiavel, um estudo sobre a Teoria dos Humores** – São Paulo: USP, 2010.

GUANABARA, Ricardo. **"Há vícios que são virtudes": Maquiavel, teórico do realismo político".** In: FERREIRA, Lier Pires. Curso de Ciência Política. 2. ed.- Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. Capítulo 2, p. 25-47.

KRITSCH, Raquel. **Maquiavel e a construção da política**. Lua Nova, São Paulo, vol 53: 181-206, 2001.

MACEDO, P. Ronaldo – **Curso de filosofia politica:** do nascimento da filosofia a Kant.- São Paulo: Atlas, 2008.

PINZANI, Alessandro. **Maquiavel e O Príncipe**. Rio de Janeiro: Jorg Zahar Editores, 2004.

SKINNER, Quentin. **Maquiavel**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

WEFFORT, Francisco. **Os clássicos da política.** São Paulo: Editora Atica, 2006.